

inclusão de outras indicações úteis, como seria um estudo linguístico e estilístico mais aprofundado, um estudo das fontes clássicas ou índices toponímicos. Mas dada a competência científica, sobejamente demonstrada, da autora, estamos certos de que cedo dará à lume estudos humanísticos à altura do presente estudo.

CARLOS DE MIGUEL MORA

João Angelo Oliva Neto, *O livro de Catulo*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (280 pp.).

Apesar do tempo transcorrido desde a publicação deste livro e apesar da inquestionável qualidade deste quer a nível gráfico-formal quer a nível do conteúdo, nenhuma recensão apareceu até à data em revistas portuguesas, facto que me levou a empreender a tarefa de realizar uma. Na verdade, tendo em conta a endémica situação em que nos encontramos actualmente no que diz respeito a traduções de autores clássicos, não é de negligenciar a aparição, num país de língua portuguesa, de uma versão cuidada da obra de um dos autores latinos mais trabalhados no ensino das línguas clássicas em Portugal, *Catulo*.

O livro está incluído numa colecção chamada *Texto & Arte* (especificamente, o número 13), cujo título não podia descrever melhor os pressupostos que guiam a elaboração do presente volume. Com efeito, a primeira coisa que chama a atenção do leitor é o cuidado gráfico com que está construído. Numerosas ilustrações, a cores e a preto e branco, acompanham o texto impresso, de forma a tornar a leitura muito agradável, dado que em geral representam alguma cena que tem estreitamente a ver com a parte gráfica. Além disso, as amplas margens, os diferentes tipos de letras para destacar nitidamente o texto latino da tradução, a apresentação a duas colunas, a remissão de todas as notas para o fim, constando unicamente o número de verso e evitando assim a presença entediante de números remissivos, tudo está concebido para uma leitura cómoda, fácil, convidativa, amena.

O presente trabalho está concebido como uma obra para o público geral, mas o leitor especialista não se sentirá defraudado com a clareza de exposição e a moderna visão de antigos problemas de que faz gala o autor. A introdução, sem ser prolixa, conserva um precioso equilíbrio entre a erudição e a nitidez expositiva, de forma a poder ilustrar o desconhecido da obra e da estética do Veronês sem aborrecer o já versado neste campo. A enumeração dos diferentes parágrafos não só cumpre os objectivos do autor, isto é, ajudar na remissão que a eles se faz nas notas, como também esclarece profundamente o fio discursivo, que vai do mais geral (estética helenística) até ao mais concreto (aspectos da presente tradução).

A tradução é a parte mais importante do presente estudo. Contrariamente ao que se costuma fazer em Portugal, no Brasil é quase normativo traduzir as

obras poéticas em verso, e até em poesia (que não é a mesma coisa) se o tradutor se sente com capacidade e forças. Neste caso, o Prof. Neto impôs-se uma difícil tarefa, da qual sem dúvida sai vitorioso. É seu objectivo traduzir, na medida do possível, cada verso latino por um português, saindo fora desta norma só quando é estritamente necessário; seguindo o espírito dos autores latinos quando traduziam do grego, o autor transpõe para a cultura brasileira numerosas alusões da latina: dessa maneira, introduz ecos de canções brasileiras quando no original há um eco literário a poemas doutros autores, traduz *albus an ater* (poema 93) por “Grego ou Troiano”, ou muda uma pronúncia afectada pela aspiração (poema 84) por uma em que se troca o lugar do acento prosódico. Procedimento arriscado, é certo, mas de inegável valor literário. Dessa forma, o leitor pouco instruído em latim (a quem prioritariamente se dirige o livro) percebe o que de poético tinha o original. As qualidades científicas da versão do Prof. Neto não ficam, em qualquer caso, diminuídas pelo compromisso poético, pois o rigor preside a tradução de cada poema, e é este facto o que outorga um valor inapreciável ao seu trabalho. É claro que, perante auto-exigências tão estritas, há-de haver ocasiões em que não se satisfaçam todos os pressupostos da tradução. É de louvar que, nestes casos, impere o respeito ao rigor científico, mesmo que se ressinta a “poeticidade”; estamos a referir-nos, sobretudo, aos frequentes encaivalgamentos do texto português que não recolhem procedimentos semelhantes do original e que por isso provocam um efeito de estilo entrecortado não desejado pelo autor latino. Mas os escassos momentos em que tal coisa acontece não podem em absoluto escurecer o magnífico trabalho que nos oferece uma tradução tão brilhante e tão útil a professores e alunos.

O livro apresenta ainda uma selecção de traduções versificadas de alguns poemas de Catulo, de épocas variadas, interessante para perceber o impacto directo do Veronês na literatura portuguesa. Seguem-se notas explicativas, concisas e claras, que ajudam na leitura das traduções. O livro termina com uma lista bibliográfica e os índices (de ilustrações, onomástico e de primeiros versos). Apesar da brevidade e da clareza que exigem as obras dirigidas ao público geral, parece demasiado esquemático e por isso quase inútil o comentário sobre a métrica que inicia as notas, e é de lamentar que nem toda a bibliografia utilizada e citada pelo autor nas notas de rodapé da introdução esteja mencionada no capítulo da bibliografia, o que seria desejável visto que nas notas os trabalhos são sempre citados pelo título traduzido para português, e não no original. Talvez o afã de concisão, pela natureza do trabalho, tenha levado o autor a estes cortes que só afectam os estudiosos mais interessados na investigação aprofundada da obra do Veronês.

Estamos, assim pois, perante uma obra de grandes méritos e imenso interesse, aconselhável não só para os estudiosos da Antiguidade clássica como também para qualquer apreciador de poesia portuguesa.

CARLOS DE MIGUEL MORA